

AS TORCIDAS QUEER EM CAMPO: A EMERGÊNCIA DE GRUPOS QUE QUESTIONAM A HOMOFOBIA E O MACHISMO NO FUTEBOL

Maurício Rodrigues Pinto¹

I - Introdução

Durante o ano de 2013 diversas páginas na rede social Facebook foram criadas apresentando-se como torcidas de alguns dos times mais populares do Brasil. O grande diferencial em relação a outros agrupamentos de torcedores são as motivações e causas que os mobilizaram. Para além de manifestar a torcida pelo “time de coração”, essas torcidas externavam posicionamento contrário às manifestações homofóbicas e machistas recorrentes nos estádios e práticas relacionadas ao futebol no Brasil.

Galo Queer, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Palmeiras Livre, Grêmio Queer, Queerlorado, entre outras, são comunidades resultantes da articulação de torcedores, que produzem e divulgam conteúdos com o propósito de colocar em xeque o padrão normatizador vigente nos estádios e no universo do futebol, reivindicando o reconhecimento da participação de homossexuais e mulheres, historicamente segregados de práticas que dão sentido ao esporte, como o jogar e o torcer. Essas páginas são curtidas e acompanhadas atualmente por milhares de usuários do Facebook.

Para além da repercussão que houve com o surgimento das torcidas *queer*, outros fatos recentes impulsionaram a discussão sobre as relações entre futebol e sexualidade. Episódios como o selinho do atacante corinthiano Emerson Sheik em um amigo² e a criação de uma

¹ Bacharel em História, pela Universidade de São Paulo, atualmente cursando especialização em Sociopsicologia, na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

² Emerson postou uma foto beijando um amigo na sua página da rede social Instagram. A foto vinha acompanhada da seguinte mensagem: “*Tem que ser muito valente para celebrar a amizade sem medo do que os preconceituosos vão dizer. Tem que ser muito livre para comemorar uma vitória assim, de cara limpa, com um amigo que te apoia sempre. Hoje é um dia especial. Vencemos, estamos mais perto dos líderes...*”. (<http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2013/08/19/sheik-comemora-vitoria-do-corinthians-com-selinho-em-amigo/>)

Nos dias seguintes houve fortes reações de grupos ligados às principais torcidas organizadas do Corinthians, protestando com o que entenderam ser uma ofensa e desrespeito à instituição, pela associação do time à ideia de homossexualidade. Dias depois a principal torcida organizada do Corinthians, a Gaviões da Fiel, publicou em seu site a seguinte retratação do jogador: “*Não poderia ter feito isso, foi sem intenção, mas jogo em um clube de futebol, em um mundo cheio de rivalidades e provocações, qualquer comentário é motivo de chacota. Lamento se ofendi a torcida do Corinthians, não foi a minha intenção. Foi só uma brincadeira com um grande amigo meu, até porque eu não sou São Paulino*” (http://www.gavioes.com.br/noticia/nota_oficial_-_emerson_sheik_323)

torcida organizada gay do Corinthians, a Gaivotas Fiéis³, reafirmaram a existência de um padrão normatizador que inibe e rechaça a presença de torcedores homossexuais nos estádios, assim como a possibilidade de que um jogador venha a assumir ou expor publicamente identidade sexual que não condiga com o modelo de masculinidade protagonizado pelo homem viril.

Mais do que isso, os xingamentos e associações à homossexualidade e à feminilidade soam como ofensas para desqualificação do outro, conformando um cenário de rivalidades em que tais expressões são entendidas como parte da “cultura do jogo”. Isso ficou evidente no clássico Corinthians x São Paulo, no dia 09 de março de 2014, quando a cada tiro de meta cobrado pelo goleiro tricolor Rogério Ceni, era entoado o coro “ÔÔÔ Bicha!”, pela torcida corinthiana⁴.

Para entender melhor o padrão normatizador e a maneira como este regula as relações nos espaços e práticas que envolvem o futebol, irei trabalhar com os conceitos **estabelecidos** e **outsiders** desenvolvidos por Norbert Elias, quando estudou as relações entre moradores mais antigos e grupos com menos tempo de residência na comunidade operária de Winston Parva, na Inglaterra. A dualidade estabelecidos-*outsiders* se dá por uma relação de poder na qual o grupo que detém um poder defende a sua posição e reafirma o seu carisma de grupo a partir de uma constante relação de oposição àqueles que representariam um risco à pureza do grupo.

“A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa também é uma condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo *outsider* por um grupo estabelecido. Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos *outsiders* pode fazer-se prevalecer. (...) Afirmar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo” (ELIAS: 2000, pp. 23-24)

³ Idealizada pelo jornalista Felipe Campos, a Gaivotas Fiéis apresenta-se como a “primeira torcida de inclusão do mundo” e “torcida gay organizada do Corinthians”. O objetivo, segundo Felipe, é que a torcida, em breve, marque presença nos estádios (<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/10/15/ex-sbt-cria-torcida-gay-do-corinthians-e-diz-que-futebol-tem-enrustidos.htm>)

⁴ Como comparação, dias depois, uma parte da torcida do Bayern de Munique (ALE) levantava um cartaz que fazia uma referência homofóbica ao jogador Mesut Özil, do Arsenal (ING), que enfrentava a equipe alemã. O caso rendeu multa e punição de fechamento de um setor da arquibancada do estádio onde o Bayern manda as suas partidas. No caso das ofensas a Rogério Ceni o caso nem chegou a ser levado para julgamento⁴. Extraído de: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,uefa-fecha-setor-de-estadio-do-bayern-de-munich-por-cartaz-homofobico,1144451,0.htm>

Nos estádios os grupos de torcedores que detêm maior coesão e representatividade ditam padrões de comportamentos e de torcer baseados na afirmação de valores como a masculinidade e a virilidade como méritos que os distinguem. Também rechaçam, por meio da violência e da injúria, aqueles, torcedores da mesma agremiação, que pretendem ser reconhecidos como iguais, mas não são considerados possuidores das características e “virtudes” que os aproximariam dos valores ideais. Esses *outsiders*, considerados desajustados diante desse padrão ou que, simplesmente, recusam a sujeição a ele, têm dificuldades muito maiores de acessar esse espaço.

Ressaltando que se trata de uma pesquisa em estágio inicial, a preocupação no momento é a de apresentar e de problematizar algumas relações possíveis entre futebol e sexualidade, na tentativa de compreender o porquê de o futebol permanecer como um signo performatizador de uma masculinidade reverenciada socialmente como dominante que acaba por discriminar e estigmatizar quem não se encaixa aos seus termos, mais precisamente homens homossexuais e mulheres. Também busca-se analisar a articulação das torcidas *queer* e anti-homofobia e as suas práticas discursivas que visam desestabilizar o padrão normatizador, que regula as relações nos estádios de futebol.

II – O padrão normatizador que reverencia o masculino e a sua compreensão por meio da relação estabelecidos-*outsiders*

Ao fazer uma análise mais aprofundada da história da popularização do futebol no Brasil é possível perceber conflitos e tensões presentes na sociedade brasileira. Por mais que tenha sido um meio de inserção e de reconhecimento das pessoas de ascendência negra na sociedade brasileira – principalmente devido à performance destacada de jogadores como Pelé, Didi, Leônidas da Silva, Romário, Ronaldo e Neymar, entre tantos outros tantos que fizeram de negros e mulatos protagonistas desse esporte – eram evidentes os limites impostos a essa inclusão, assim como eram notórios os estigmas e preconceitos com relação a essas populações.

Um exemplo emblemático é a derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai, na final da Copa de 1950, evento que ficou marcado para a posteridade como “Maracanazo”. Ali era decretado pela crônica esportiva da época o fracasso do povo brasileiro e da sua miscigenação. Dois jogadores ficaram marcados como os principais responsáveis pela derrota brasileira, o goleiro Barbosa e o lateral-esquerdo Bigode, ambos de ascendência negra.

“Na Copa do Mundo de 1950, disputada no Brasil, a derrota para o Uruguai na final foi atribuída à falta de hombridade e a fatores raciais. Ou melhor, a ‘falta de masculinidade de negros e mulatos’ seria responsável pela nossa derrota. O negro e o mulato são representados quase como afeminados. Foram considerados os maiores culpados da derrota brasileira: o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol do Uruguai, e o jogador Bigode, que teria levado um tapa de Obdulio Varela, capitão do time uruguaio, ambos escolhidos, justamente, por possuírem ascendência negra” (SOUZA: 1996, p.127)

O trecho destacado também evidencia o ideal da masculinidade⁵ que regula as relações nas práticas relacionadas ao futebol. A “hombridade” que teria faltado ao escrete brasileiro serviu de justificativa para a derrota frente aos uruguaiois.

Para o padrão normatizador do futebol, a ausência de alguns comportamentos reconhecidos como emblema de uma forma específica de masculinidade representa uma falta de virtude e até mesmo um desvio de caráter. Isso legitima o emprego da injúria homofóbica recorrente na depreciação de figuras como jogadores/torcedores do time adversário, juiz (quando favorece a equipe adversária) ou de jogadores e torcedores da própria equipe, cuja má atuação ou conduta inapropriada, coloquem em risco a ideia de “integridade” do grupo estabelecido e o próprio poder normatizador⁶.

O estádio de futebol “*locus por excelência da homosociabilidade*” admite demonstrações de afetividade entre homens que não costumam ser manifestadas no dia-a-dia. Abraços intensos e calorosos na comemoração de gols do time pelo qual se torce, por exemplo, são muito comuns: “...*essa afabilidade masculina quando pode ser expressa se faz de forma efusiva e o Futebol então pode ser encarado como um catalizador dessa afetividade ‘represada’*” (FREITAS: 2002). Porém a demonstração de afeto a outro homem que não se presta a render homenagem ao time que torce, evidenciando uma subjetividade que não se sujeita à homogeneização da massa é duramente repelida e hostilizada.

⁵ A respeito do ideal de masculinidade, recorro a Vale de Almeida que diz “...a masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos “masculino”), em que se detectam modelos hegemônicos e variante subordinadas (...). Isto só pode significar duas coisas: que a masculinidade não é a mera formulação cultural de um dado natural; e que a sua definição, aquisição e manutenção constitui um processo social frágil, vigiado, auto-vigiado e disputado” (ALMEIDA:1996, p.163)

⁶ As torcidas organizadas do São Paulo não gritavam o nome do jogador Richarlyson, que atuou pelo clube entre 2005 e 2010. O jogador por diversas vezes teve a sua sexualidade questionada, mas sempre afirmou ser heterossexual. Também eram recorrentes as ofensas e cantos homofóbicos contra ele por parte de torcedores adversários e do próprio São Paulo. Ver: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/08/13/ult5895u6969.jhtm>

“Em 2008, eu morei alguns meses em São Paulo e tinha um namorado que era palmeirense também. A gente foi até aconselhado por um amigo dele da torcida organizada a não ter nenhuma demonstração de afeto dentro do estádio, porque a gente poderia ser agredido”⁷

No espectro do grupo estabelecido nos estádios de futebol brasileiros, destacam-se as torcidas organizadas, justamente pela capacidade de construção de um carisma grupal. Eles se apresentam e são reconhecidos como os representantes mais apaixonados e maiores apoiadores do time durante os 90 minutos de partida. Entoam cantos e gritos de guerra que são cantados também por torcedores que não fazem parte de suas fileiras. Contam, muitas vezes, com o respaldo de jogadores, que comemoram gols e vitórias indo em direção aos setores onde se concentram as organizadas e costumam também ter bom trânsito junto às diretorias dos clubes, sendo ainda muito comum a ajuda no custeio das viagens dos organizados para jogos fora da cidade ou do estado de origem e a facilitação da compra de ingressos pelas torcidas organizadas.

Almeida em sua pesquisa sobre as masculinidades no interior de um grupo de mineradores habitantes da aldeia de Pardais, em Portugal, destaca que na dinâmica de hierarquização das masculinidades, um dos méritos que distingue e confere maior status a alguns é o da disposição a fazer sacrifícios (ALMEIDA: 1996, pp.169-170). No futebol, quanto maior o sacrifício e os riscos assumidos em nome do time do coração, maior será respeito e o reconhecimento obtido dentro do grupo. Tal imagem é recorrente nas práticas discursivas das torcidas organizadas e aparece na fala do presidente de uma das principais torcidas organizadas do Corinthians. Também expõe a ideia de um processo pedagógico, composto por uma série de rituais para ter legitimada a sua demarcação de espaço entre os estabelecidos nos estádios:

“... para nós, uma torcida organizada começa como a gente sempre troca ideia nas torcidas: o cara vai para uma caravana, o cara participa de vários jogos do Corinthians na arquibancada e não na numerada, a pessoa participa de inúmeras manifestações corinthianas que teve nesses últimos anos, tanto de protesto contra diretoria, contra jogador. Tem uma caminhada ideológica dentro de uma instituição para você fundar uma torcida organizada. (...) Tomei muita borrachada da polícia por aí, passei muita fome na estrada, nunca fomos pra qualquer lugar e fomos bem recebidos por qualquer órgão que cuida da organização do jogo no estádio, da segurança pública, nós sempre fomos maltratados por muitos deles, então a torcida organizada não é simplesmente chegar e falar: ‘Ó, vou criar uma torcida hoje. Vou criar uma camisa e vou pro estádio’ ”⁸

⁷ Relato de William, palmeirense, integrante da Palmeiras Livre. Extraído da reportagem “O tabu das arquibancadas”, disponível em <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

⁸ Relato de Capão, presidente da torcida organizada Camisa 12, do Corinthians. Extraído da reportagem “O tabu das arquibancadas”, disponível em <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

Para além da representatividade das torcidas organizadas, há um entorno que legitima o padrão normatizador no futebol, como, por exemplo, a mídia especializada, que atua como mediadora das informações e dos saberes sobre o jogo a serem transmitidas para o público, muitas vezes, contribuindo para naturalizar estereótipos, como a de que gays e mulheres não gostam ou não se interessam por futebol. A repetição dessa ideia e a sua força performativa, produz o efeito de introjetar tal estigma em grande parte dessas pessoas, até por conta da dificuldade de homossexuais e mulheres encontrarem referências já inseridas no esporte com as quais consigam estabelecer identificação:

“Afixar o rótulo de ‘*valor humano inferior*’ é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter a sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na auto-imagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desestabilizá-lo” (ELIAS: 2000, p.24)

Como forma de se contrapor ao padrão normativo baseado no ideal da masculinidade, que hierarquiza e rechaça diferentes expressões sexuais, defendido pelos estabelecidos, a ação política, segundo Rancière, abre possibilidades para *outsiders* produzirem práticas discursivas “inteligíveis” que venham a questionar e expor o caráter “não-natural” dos códigos e restrições que regem as relações nas práticas relacionadas ao jogo de futebol:

“A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha lugar o barulho, faz ouvir como discurso o que era só ouvido como barulho. (...) Espetacular ou não, a atividade política é sempre um modo de manifestação que desfaz as divisões sensíveis da ordem policial ao atualizar uma pressuposição que lhe é heterogênea por princípio, a de uma parcela dos sem-parcela que manifesta ela mesma, em última instância, a pura contingência da ordem, a igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante” (RANCIÈRE: 1996, pp.41-43)

As torcidas *queer* e antihomofobia podem ser entendidas como ações de grupos que elaboram práticas discursivas na contramão do ideal hegemônico, visando uma nova configuração das relações de poder, assim como a desconstrução do padrão normatizador calcado no ideal da masculinidade. No próximo tópico irei aprofundar mais a discussão sobre essas comunidades e a sua atuação.

III – Tentativas de desestabilização do padrão normatizador: das torcidas gays às torcidas queer e anti-homofobia

No fim da década de 1970, duas torcidas organizadas, Coligay⁹ e Fla-Gay¹⁰, foram criadas com o propósito de conclamar gays amantes de futebol a frequentarem os estádios para externar a torcida pelo “time de coração”.

Na tentativa de marcar presença nas arquibancadas, as duas torcidas acabaram sendo vítimas de hostilidades e perseguições por parte de representantes das grandes torcidas organizadas dos próprios times. Foram acusadas de serem iniciativas arquitetadas por torcedores de clubes rivais, visando denegrir o nome de Grêmio e Flamengo. Apesar da curta existência e, ainda que não propusessem um rompimento com o padrão normatizador vigente nos estádios, marcaram história como primeiras tentativas de desestabilizar a ideia de que uma determinada masculinidade tem maior legitimidade para figurar nos estádios de futebol.

Mais do que isso, Coligay e Fla-Gay surgiram em um contexto político de ditadura militar, marcado por fortes restrições às liberdades políticas, de opinião e de expressão, ousando ao propor o reconhecimento do direito à apropriação de espaços públicos por indivíduos com subjetividades que não correspondam ao padrão heteronormativo binário.

Vive-se atualmente um contexto histórico-político diferente no qual há muito mais canais de diálogo e maior visibilidade para os debates em torno da conquista de direitos e o reconhecimento social para gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros e outras orientações sexuais minoritárias. Vários são os grupos e movimentos organizados das comunidades LGBT’s, cuja atuação coloca em xeque o padrão heteronormativo da sociedade, que diferencia e hierarquiza cidadãos de acordo com a sua sexualidade, e que por meio da ação política lutam pelo reconhecimento pleno da sua cidadania e pela igualdade de direitos.

Porém, o esporte e, mais especificamente, o futebol ainda tem-se revelado “... *um reduto importante do preconceito aos homossexuais. (...) Quanto mais a sociedade se*

⁹ Formada por torcedores do Grêmio (RS), foi fundada em 1977 por Volmar Santos, então dono da boate gay Coliseu, em Porto Alegre. A torcida chegou a ter setenta adeptos que frequentavam os estádios onde o Grêmio atuava.

¹⁰ Formada por torcedores do Flamengo (RJ), a Fla-gay foi idealizada pelo carnavalesco Clóvis Bornay (que era, na verdade, botafoguense) e em 1979. A ideia surgiu quando Bornay convocou flameguistas gays a irem ao Maracanã para assistirem a um Fla-Flu, como é popularmente conhecido o clássico Flamengo e Fluminense.

constrói no respeito ao diferente, mais nítido fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol” (ALMEIDA e SOARES: 2012, p.306):

“Em outros ambientes, sou muito seguro quanto a manifestar meu afeto: ando de mão dada e tal, inclusive na rua, mas acho que o estádio de futebol é mais hostil do que a própria rua, sabe? A homofobia é muito mais explícita”¹¹

Em 2013, apareceram as torcidas autointituladas como *queer*¹² e anti-homofobia, que divulgam conteúdos, próprios ou publicados na mídia, questionando a heteronormatividade que privilegia um modelo de masculinidade como legítimo participante das práticas do futebol e contrapõe-se à homofobia e ao machismo que segregam gays e mulheres dos estádios.

Existem hoje na rede social Facebook onze páginas que se apresentam como torcidas anti-homofobia/*queer* de alguns dos principais times do Brasil¹³. Criadas a partir da iniciativa e articulação de pequenos grupos são acompanhadas por pessoas, na maioria, entre os 25 e 34 anos.

“A ideia da página foi minha, sozinha, mas logo que criei, chamei algumas amigas e amigos para participar e formamos um grupo de 5 a 10 pessoas meio flutuantes. O evento que me motivou foi uma ida ao estádio, depois de um ano na Alemanha (onde comecei a estudar gênero e portanto ser mais sensível ao tema), ao jogo do Galo contra o Arsenal, no qual todas as pessoas (incluindo os meus amigos teoricamente não homofóbicos) gritavam "Arsenal é

¹¹ Relato de William, palmeirense, integrante da Palmeiras Livre. Extraído da reportagem “O tabu das arquibancadas”, disponível em <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

¹² Na tradução literal *queer* quer dizer estranho, excêntrico e, mesmo, ridículo. De acordo com Louro: “... a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homofóbicos, ao longo do tempo e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização (...). Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade (...). *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora” (LOURO: 2001, p.546)

¹³ As torcidas gays/anti-homofobia atualmente ativas no Facebook são:

- Galo Queer: <https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>
- Cruzeiro Maria: <https://www.facebook.com/torcidacruzairomaria?ref=ts&fref=ts>
- Cruzeiro Livre: <https://www.facebook.com/CruzeiroLivre?fref=ts>
- Bambi Tricolor: <https://www.facebook.com/BambiTricolor>
- Palmeiras Livre: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre?fref=ts>
- EC Bahia Livre: <https://www.facebook.com/pages/EC-BAHIA-LIVRE/494001227314767>
- EC Vitória Livre: <https://www.facebook.com/ecvitorialivre>
- Furacão sem Homofobia: <https://www.facebook.com/caplivre>
- Coxa sem Homofobia: <https://www.facebook.com/pages/COXA-Sem-Homofobia/428585357237479?fref=ts>
- Grêmio Queer: <https://www.facebook.com/pages/Gremio-Queer/596222133723294>
- Queerlorado: <https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713?fref=ts>

maricón". Além disso, me incomodou muito ser mulher naquele ambiente extremamente machista, no qual a maioria dos homens pensa que mulher não entende de futebol e ainda por cima nos assediam”¹⁴

“O contexto da criação foi simples demais. Éramos já um grupo de amigos, todos são paulinos, que concordava que o apelido bambi merecia uma recepção diferente da torcida tricolor. Sem nenhuma pretensão, coisa de conversa de bar e só. Quando a Galo Queer surgiu, nós achamos a ideia genial e esperamos uma semana para ver se alguém na torcida do nosso time encararia. Várias torcidas foram se apresentando, mas nada do São Paulo. Decidimos, então, fazer a nossa, pelo menos pra ‘marcar presença’ e participar desse movimento, sem nenhuma ideia de por quanto tempo manteríamos a página, nem o que adviria dela”¹⁵

Em comum, diante das constantes ofensas dirigidas a mulheres e a homossexuais nos estádios, o sentimento de indignação é o que impulsiona o desejo de se manifestar publicamente contra esse estado de coisas e a criação das torcidas.

A pesquisa concentra-se em três comunidades: a **Galo Queer**¹⁶, formada por torcedores do Atlético Mineiro, primeira torcida *queer* do país e que congrega o maior número de adeptos; **Bambi Tricolor**¹⁷ e **Palmeiras Livre**¹⁸, torcidas de dois dos grandes da cidade de São Paulo (respectivamente São Paulo e Palmeiras) bastante ativas e engajadas no posicionamento favorável ao reconhecimento do direito pleno de liberdade de ir e vir e de expressão às pessoas das comunidades LGBT.

Até o momento as ações dessas torcidas acontecem unicamente na esfera virtual. Criadores dessas comunidades são constantemente hostilizados e ameaçados por pessoas que os veem como transgressores que afrontam a ideia naturalizada de cultura do futebol.

“Dia sim e outro também nós recebemos ameaças. As pessoas vem ameaçando, dizendo que estão mexendo com o time errado, que eles vão descobrir quem é, que não sei o quê”¹⁹

¹⁴ Extraído de entrevista com Nathalia, representante da Galo Queer, em 21/03/2014.

¹⁵ Extraído de entrevista com Aline, representante da Bambi Tricolor, em 11/03/2014.

¹⁶ Comunidade criada em 09/04/2013. Apresenta-se da seguinte forma: “*Galo Queer é o movimento anti-homofobia e antissexismo no futebol dos torcedores do Clube Atlético Mineiro, vulgo Galo Doido. Porque paixão pelo Galo não tem nada a ver com intolerância*”. Possui 7265 seguidores (dado de 06/04/2014). Endereço da página: <https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767?fref=ts>

¹⁷ Comunidade criada em 14/04/2013. A apresentação da página diz: “*Paixão pelo futebol, amor ao clube e até rivalidade entre adversários não tem nada a ver com homofobia. Se, até agora, Bambi foi um apelido usado para discriminar, por que não adotá-lo com orgulho e desarmar o preconceito? Pelo SPFC livre*”. Atualmente 2645 pessoas seguem a página (dado de 06/04/2014). Endereço da página: <https://www.facebook.com/BambiTricolor?fref=ts>

¹⁸ Página criada em 12/04/2013. Apresenta-se como: “*Movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância*”. Conta com 2712 seguidores (dado de 06/04/2014). Endereço da página: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre>

¹⁹ Fala de Thais, representante da Palmeiras Livre, extraída da reportagem “O tabu das arquibancadas”. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/11/tabu-das-arquibancadas/>

*“Nós nos encontramos esporadicamente, uns mais outros menos, cada um tem uma rotina e uma vida bastante cheias, então não temos condição de promover encontros oficiais de "integrantes", nossa relação se mantém exatamente como antes da criação da página e por enquanto permanecerá assim. Sim, os três rapazes, principalmente, frequentam bastante os estádios e por isso eles evitam a todo custo aparecer em matérias, eles têm receio de serem identificados e reconhecidos pela torcida, por integrantes violentos (...) Se a página for fértil o bastante para criar uma comunidade que tenha vontade de levar isso adiante nós daremos todo o apoio, mas nós, pessoalmente, com a vida e perspectivas que levamos, por enquanto sinceramente não dá.(...) Nossos compromissos da vida "offline" tomam nosso tempo quase inteiro, a Bambi é feita com o que nos resta de tempo livre e disposição e, tomara, os textos que postamos já contribuam pelo menos um pouquinho pro debate, pra essa realocação de ideias que começa a ganhar força”*²⁰

A fala de Aline, porta-voz e uma das criadoras da Bambi Tricolor, evidencia os receios que participantes têm de serem vítimas de agressões por conta de sua associação à comunidade. Esse medo faz com que alguns de seus integrantes, ao frequentar os estádios, prefiram a condição de “clandestinidade” em meio aos estabelecidos. Também expõe os limites de atuação que a comunidade se propõe, reconhecendo-se, no momento, muito mais como um instrumento que produz a crítica ao padrão normatizador e amplie a visibilidade dos debates em torno da superação da homofobia e do machismo recorrentes e no futebol.

Por mais que haja dificuldades na estruturação e articulação dessas torcidas para a constituição de grupos organizados que marquem presença no espaço público e, especialmente, nos estádios de futebol, o fato de ampliarem os canais de crítica ao padrão normatizador que cultua um modelo ideal de masculinidade e as estratégias empregadas para a sua reafirmação, como a homofobia e o machismo, permite inferir que o debate em torno das relações entre futebol e sexualidade tem ganhado maior visibilidade. Assim como cresce a repercussão das reivindicações favoráveis ao reconhecimento da participação de mulheres e gays nos lugares e práticas que dão sentido ao futebol.

IV. Considerações Finais

No decorrer do texto procurei problematizar as relações entre futebol e sexualidade, buscando entender, pela dualidade estabelecidos-*outsiders*, o padrão normatizador que legitima e reafirma um modelo de masculinidade viril, que hierarquiza e segrega subjetividades que não se conformam a esse ideal.

Na contramão do padrão normatizador dos estabelecidos, surgem as torcidas *queer* e anti-homofobia, que se propõem a elaborar práticas discursivas confrontando a ideia de

²⁰ Extraído de entrevista com Aline, representante da Bambi Tricolor, em 11/03/2014.

hegemonia masculina. Mesmo com as muitas ameaças, hostilidades e constrangimentos que dificultam a transposição da esfera virtual para a apropriação de espaços nas arquibancadas dos estádios, essas torcidas têm suscitado reflexões e conseguido ampliar a visibilidade para o debate sobre a homofobia e o machismo como posturas que segregam e criam obstáculos a participação de gays e mulheres no contexto do futebol. Reivindicam que essas pessoas venham a ser reconhecidas como participantes legítimas do esporte, entendendo ser esse um passo importante para a construção de uma sociedade mais igualitária, orientada pelo reconhecimento e o respeito às múltiplas subjetividades.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**. Porto Alegre, v.18, n.1, p.301-321, 2012.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. “Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal”. In **Anuário Antropológico**, 95, pp.161-190. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1996.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Amor e masculinidade nos estádios de futebol”. In **Esporte e Sociedade**, v. 19, p. 1-26, 2012.
- ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FREITAS, Marcel. “Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. In: <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** - - Año 8 - Nº 55 - Buenos Aires: dezembro de 2002 (disponível em <http://www.efdeportes.com/efd55/paixao1.htm>)
- LOURO, Guacira Lopes. “Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação”. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9, n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento – Política e Filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- SOUZA, Marcos Alves de. “Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro”. In **Cadernos Pagu**, Campinas, nº 6-7, p. 109-152, 1996.